

Editorial

No Ano da Fé proclamado por Bento XVI, muitas poderiam ser as iniciativas para a sua vivência por parte daqueles que professam a fé cristã e muitas as sugestões temáticas para o aprofundamento dos seus conteúdos por parte daqueles que têm a missão de os investigar e ensinar. A Faculdade de Teologia da UCP, no seu núcleo de Braga, escolheu para tratamento na sua XXI Semana de Estudos Teológicos um ponto nuclear muito concreto: «Creio na Vida Eterna». Com oportunidade. Com efeito, é sabido que, na conjuntura actual de uma generalizada crise da fé no espaço da cultura europeia e ocidental, a crença nos «novos céus e nova terra», como nosso futuro absoluto e razão da nossa esperança, anda hoje bastante abalada. Sondagens a propósito têm revelado que a dúvida, ou mesmo a descrença, sobre esta verdade nuclear não só são professadas pelos que de toda a fé religiosa se afastaram, mas estão atingindo uma parte daqueles que ainda se reclamam de serem cristãos, de pertencerem à Igreja Católica e mesmo de nela serem ainda do número dos chamados «praticantes».

Compreende-se. O horizonte cultural está saturado de materialismo. Nos meios intelectuais professa-se um generalizado positivismo. Na vida prática as pessoas cultivam o utilitarismo. Todo o interesse e toda a atenção tendem a concentrar-se no instante presente e no futuro próximo. O horizonte do eterno foi eliminado. Como alguém disse, hoje, «para se olhar para o céu, é preciso que passe um avião». A própria religião, onde ainda permanece, tende a funcionar bastante como mera componente da vida social, em momentos marcantes da mesma vida (como é o caso dos baptizados, do sacramento do Crisma e das «profissões de fé», dos casamentos e dos funerais). Igreja Católica é apreciada por muitos apenas na sua face humanista de pregoeira da justiça social e da prática da caridade, mormente nas suas instituições de assistência social. O próprio Deus em que (ainda) se acredita é, para muitos, apenas um deus-tapa-buracos para as horas de aflição. Longe, por isso, do «Deus de vivos» (na vida eterna) de que falava Jesus quando respondia aos saduceus do seu tempo que, materialistas como eram, diziam «não haver ressurreição» (cf. Mc 12, 18 e 27).

Trazer à reflexão e ao debate o dogma cristão da vida eterna revela-se assim, efectivamente, algo de muito oportuno e necessário. Nos contributos que os conferencistas e outros participantes activos trouxeram na Semana de Estudos, estiveram em relevo a própria ideia evangélica de «vida eterna» (Johan Konings), o mistério da subsistência

para além da morte (Isabel Varanda), a necessidade de educar para as ressonâncias e o sentido do eterno na própria experiência temporal da vida num corpo mortal (José Frazão), as imagens da vida que passam nos media e a necessária educação para saber lidar com elas (Felisbela Lopes). Um debate, honesto e respeitoso, entre um ateu e um crente pôs em evidência os respectivos pontos de vista. E um painel mostrou como anda o tema da vida eterna na literatura, no cinema e na música.

Theologica, sem prejuízo para os habituais «outros estudos», na sua secção monográfica deste fascículo dá conta dos contributos que foi possível recolher desta XXI Semana de Estudos Teológicos, possibilitando o seu aproveitamento por um público mais vasto e para um tempo que pode ir muito além do que ali foi presente.

JORGE COUTINHO